



CORPORALIDADES, LINGUAGENS E LITERATURAS: UMA TRAJETÓRIA AFROCIENTISTA

*Maria Gabriela Ruiz de Souza*¹

*Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Letras, Uberlândia,
MG, Brasil.*

*Cintia Camargo Vianna*²

*Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Letras, Uberlândia,
MG, Brasil.*

Resumo: O presente texto trata-se de um relato de experiência do bolsista de graduação que acompanhou o trabalho desenvolvido com literatura e linguagens feito com um grupo de oito bolsistas do Ensino Médio de escola da Rede Estadual de Ensino do município de Uberlândia, atendidos pelo projeto Afrocientista/ABPN/INSTITUTO UNIBANCO no ano letivo de 2022, intitulado Afrocientistas YALODE-GEPLAFRO - travessias com a linguagem, localização, centralidade e agência negra, desenvolvido no âmbito do núcleo correlato YALODE – GEPLAFRO/CNPq/UFU (Coletivo de Estudos e Pesquisa em Poéticas Afrolatinoamericanas e Educação para as Relações Étnico-raciais), que tinha por objetivo esgarçar os limites entre a unidade escolar e a universidade, na busca de criação de um único território de formação para os jovens bolsistas do projeto. Para tanto, promoveu atividades de formação, especialmente na área de linguagens e literatura, buscando ampliar as condições dos estudantes de colocarem-se como agentes críticos e reflexivos em seus contextos no tocante a sua inserção na universidade e no acesso e difusão de práticas discursivas antirracistas.

Palavras-Chave: Afrocientistas; Literatura Negra; Linguagem.

¹ Graduanda do curso de Letras- Universidade Federal de Uberlândia- UFU. E-mail: maria.ruiz@ufu.br . ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4608-6899>

² Pós-doutora em Estudos da Literatura pela (UFF/2017). Professora ASSOCIADA II no Ileel/UFU (Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia). Coordena o Coletivo de Pesquisa YALODE - GEPLAFRO/CNPQ.). Coordenadora do LINGUAFRO - IDIOMAS AFIRMATIVOS. Membro da ABPN - Associação de Pesquisadores Negros do Brasil. Diretora de Formação e Eventos da APEMG - Associação Mineira de Professores de Espanhol. Membro da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH). E-mail: cintiacamargovianna2@gmail.com . ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2784-0443>



CORPORALITIES, LANGUAGES AND LITERATURES: NA AFROSCIENTIST TRAJECTORY

Abstract: This text is an account of the experience of the undergraduate researcher who followed the work developed with literature and languages carried out with a group of eight high school fellows from the National Network of Schools of the municipality of Uberlândia, assisted by the Afroscientista/ABPN/INSTITUTO UNIBANCO project during the 2022 school year, entitled Afroscientific YALODE-GEPLAFRO - crosses with language, location, centrality and black agency, developed as part of the correlated nucleus YALODE - GEPLAFRO / CNPq / UFU (Collective of Studies and Research in Afro-Latin American Poetics and Education in Ethnic-Racial Relations), which aimed to blur the boundaries between the academic unit and the university, in the search for the creation of a unique training territory for the young scholarship holders of the project. To this end, it has promoted training activities, particularly in the field of languages and literature, aiming to expand the conditions for students to position themselves as critical and reflective agents in their contexts with regard to their integration into the university and the access and dissemination of anti-racist discursive practices.

Keywords: Afroscientista; Black Literature; Language.

CORPORALIDADES, LENGUAJES Y LITERATURAS: UNA TRAYECTORIA AFROSCIENTISTA

Resumen: Este texto es un relato de experiencia del becario de pregrado que siguió el trabajo desarrollado con literatura e idiomas realizado con un grupo de ocho becarios de secundaria de la Red Estatal de Escuelas del municipio de Uberlândia, asistidos por el proyecto Afroscientista/ABPN/INSTITUTO UNIBANCO en el año escolar 2022, titulado Afroscientíficos YALODE-GEPLAFRO - cruces con lengua, ubicación, centralidad y agencia negra, desarrollados en el marco del núcleo correlacionado YALODE - GEPLAFRO/CNPq/UFU (Colectivo de Estudios e Investigación en Poética y Educación Afrolatinoamericana para las Relaciones Étnico-Raciales), que tuvo como objetivo difuminar los límites entre la unidad escolar y la universidad, en la búsqueda de la creación de un territorio único de formación para los jóvenes becarios del proyecto. Con este fin, promovió actividades de formación, especialmente en el área de lenguas y literatura, buscando ampliar las condiciones de los estudiantes para colocarse como agentes críticos y reflexivos en sus contextos con respecto a su inserción en la universidad y en el acceso y difusión de prácticas discursivas antirracistas.

Palabras-clave: Afroscientistas, Literatura Negra; Lenguaje



CORPORALITÉS, LANGUES ET LITTÉRATURES: UNE TRAJECTOIRE AFROCIENTISTE

Résumé: Ce texte est un compte rendu de l'expérience du chercheur de premier cycle qui a suivi le travail développé avec la littérature et les langues réalisé avec un groupe de huit boursiers du secondaire du Réseau national des écoles de la municipalité d'Uberlândia, assisté par le projet Afroscientista / ABPN / INSTITUTO UNIBANCO au cours de l'année scolaire 2022, intitulé Afrocientíficos YALODE-GEPLAFRO - croise avec la langue, emplacement, centralité et agence noire, développé dans le cadre du noyau corrélié YALODE - GEPLAFRO / CNPq / UFU (Collectif d'études et de recherche en poésie afro-latino-américaine et éducation aux relations ethno-raciales), qui visait à brouiller les frontières entre l'unité scolaire et l'université, dans la recherche de la création d'un territoire de formation unique pour les jeunes boursiers du projet. À cette fin, il a encouragé des activités de formation, en particulier dans le domaine des langues et de la littérature, visant à élargir les conditions permettant aux étudiants de se positionner en tant qu'agents critiques et réflexifs dans leurs contextes en ce qui concerne leur insertion dans l'université et l'accès et la diffusion des pratiques discursives antiracistes

Mots-clés: Afroscientista; Littérature noire; Langue.

INTRODUÇÃO

A linguagem em sua composição está diretamente ligada com as performativas das múltiplas identidades, demarcada na construção de nós mesmos enquanto sujeitos. (hooks, 2008,p.358)

O projeto Afroscientista é executado no âmbito das atividades desenvolvidas pela ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros), em parceria com o Instituto Unibanco e desenvolvido pelos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros- NEAB e grupos correlatos, como é o caso coletivo YALODÊ-GRAPLAFRO do qual faço parte. Trata-se de um projeto voltado para o despertar de estudantes negros de escolas públicas para fazer científico como possibilidade. O trabalho com os bolsistas partiu dos estudos de Literatura Negra e dos estudos de ensaística negra que trata sobre o corpo negro em sua materialidade e linguagem, sobre a produção de conhecimento e arte mediada pela autoria negra. Essas discussões são desenvolvidas no âmbito do grupo de Estudos GEPLAFRO. Ao expor os estudantes a essas leituras, objetivamos proporcionar a introdução no universo do pensamento afrodiaspórico e potencializar deslocamentos formativos e políticos para conduzi-los à uma prática afrocentrada de vida.



Em conjunto com eles, foi possível construir um lugar seguro para o compartilhamento de experiências escolares e outras vivências atravessadas pelas relações raciais. Ao longo dos diferentes momentos de encontro presencial ou virtual, foi possível tratar de temas como autoria negra, gênero, raça e classe, educação antirracista, isso foi feito a partir dos textos literários e dos ensaios que, grosso modo, levavam os estudantes a pensar sobre como os corpos negros se constituem, especialmente em espaços institucionais de formação, e quais as relações que a escola e a universidade estabelecem com esses corpos e seus diferentes processos de letramentos.

Para fortalecermos nossas relações, foram utilizados os seguintes espaços formativos: reuniões presenciais de estudo em grupo (com pesquisadores de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado), reuniões formativas com a coordenadora do projeto, Profa Dra Cintia Camargo Vianna, reuniões formativas comigo, bolsista de graduação para o acompanhamento do projeto Afrocientistas, além da participação do grupo de bolsistas em curso preparatório para o ENEM, com aulas semanais, com foco no trabalho com produção de texto.

A escolha dos ensaios e textos literários que seriam estudados pelos bolsistas foi mediada pela coordenadora do projeto em comum acordo comigo. No âmbito das discussões desenvolvidas nas reuniões de grupo de estudo, os alunos acessaram a leitura integral dos ensaios de Audre Lorde, compilados no livro *Irmã Outsider* (Lorde, 2019, s.p.). Com a leitura e discussão dos diferentes ensaios que compõem esse livro, mediada por diferentes pesquisadoras do grupo, os estudantes puderam entrar em contato em conjunto com o núcleo Yalodê Geplafro, iniciando com Domício Proenço Filho, e o corpo negro no contexto literário, partindo para Glória Anzaúdua, Audre Lorde, pautando assuntos de raça e gênero., com seu ensaio *Outside*

APRESENTADO A POSSIBILIDADE DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA E DE UMA VIDA ESCOLAR AFROCÊNTRICA

O trabalho com os bolsistas do projeto Afrocientistas é orientado tendo como um de seus principais propósitos a consolidação de uma relação positiva com o espaço universitário, a consolidação de um imaginário de que o fazer científico é uma possibilidade concreta para jovens negros e negras e a formação desses jovens para que



se tornem multiplicadores de um ser e estar no mundo a partir de uma perspectiva Afrocentrada (Asante, 2009 *apud* Lima, *et al*, 2018, s.p.).

Nesse sentido, o que fazemos com nossos estudantes no tocante ao desenvolvimento do trabalho é justamente buscar estratégias epistemológicas em sentido amplo, para usar, é essa mesma a palavra, usar o conhecimento em Linguagens e Literatura Negra em pró da promoção de agência negra, considerando para tanto os postulados afrocêntricos de localização, centralidade e agência negra compilados, por exemplo, nos escritos de Molefi Keti Asante (2009, s.p.) e, além disso, assumir como marco de ruptura epistemológica dada pela promulgação da Lei 10.639 como tão bem aponta Nilma Lino Gomes (2012, s.p.).

Assumimos como premissa as rupturas epistemológicas causadas pela Lei 10.639 (Brasil, 2003, s.p.) e que deveriam necessariamente potencializar mudanças nos currículos praticados na Educação Básica e nos currículos dos Cursos de Formação de Professores em todo o país. Nesse sentido, o projeto Afrocientista não atinge apenas a formação dos bolsistas do Ensino Médio que vão acessar algo que podemos denominar Pensamento Afrodiaspórico, mas é preciso considerar também que por intermédio do trabalho comigo, que sou bolsista de graduação para o acompanhamento do projeto, as leituras e discussões sobre Literatura Negra, Pensamento Afrodiaspórico e Educação Antirracista vão ecoar no curso de Licenciatura no qual estudo.

É preciso considerar que as rupturas causadas pela Lei 10.639 (Brasil, 2003, s.p.) no âmbito dos currículos de Educação Básica e do Ensino Superior, apesar de serem significativas são, de alguma forma, esfumaçadas pela prática empreendidas nas escolas e nos cursos de Formação de Professores. No Afrocientista buscamos romper com a hierarquia de conhecimentos que está posta nas instituições escolares e trabalhamos para incluir epistemologias oriundas das populações negras, cujas narrativas não foram contempladas na construção de narrativas de nacionalidade.

Dessa forma, o projeto Afrocientista torna os bolsistas, e me incluo nesse grupo, agentes multiplicadores do complexo Afrocêntrico, baseado na centralidade, localização e agência negra, além de promover a autoria negra aqui entendida em amplo sentido, não apenas porque lemos e estudamos Literatura Negra, mas também porque nos tornamos protagonistas e críticos de nossos processos de educação institucional.

LENDO LITERATURA NEGRA E APONTANDO CAMINHOS



A construção da literatura negra no Brasil, sempre foi situada por muita luta contra os estereótipos, marginalização e o racismo criados nos séculos de escravidão a vendo assim uma fortificação social muito forte em situar o negro como inferior. Entretanto poetas e escritores negros começaram a se manifestar com mais força contra o racimo, que por meio de poesia e obras que retratava as injustiças cotidianas. Esses autores buscavam uma redefinição de valores do negro na sociedade. (Estudante da Educação Básica, Projeto Afrocientista, 2022)

Lemos o texto “A trajetória do negro na literatura brasileira” (Filho, 2004, s.p.), elencado para iniciar o trabalho com Literatura Negra, escrito por Domício Proença Filho, professor e pesquisador negro da Universidade Federal de Fluminense e que foi participou da antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2011.

Este foi o primeiro texto lido em conjunto com os alunos, que participaram de maneira ativa da discussão sobre a presença/ausência histórica negra na constituição do Cânone de Literatura Brasileira. As reflexões propostas pelo autor levam a pensar sobre o processo de como era representado o corpo negro dentro das construções literárias brasileiras. Nesse texto, os bolsistas vão discutir sobre a conceituação proposta por Proença Filho (2004, s.p.) que propõe que a representação de personagens negros no texto literário aparecerá basicamente dividida entre objeto, de uma maneira distanciada, onde não há espaço para que este corpo fale sobre si, e o sujeito negro em sua condição compromissada, ou seja, nesse lugar de obrigação branca. Sobre essa divisão, temos o seguinte depoimento de um bolsista: “A presença de negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizado que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.” (Estudante da educação básica, 2022)

Esse encontro foi importante pois potencializou diálogos a respeito dos nossos corpos negros dentro dos espaços, dentre eles, o espaço escolar e o espaço universitário, e nos levou a refletir sobre como o racismo impacta diretamente em nossa trajetória, e como nosso corpo cria estratégias de sobrevivências, nesses contextos. Nesse sentido, o encontro deles com o texto foi positivo, devido a linguagem acessível de como o autor descreve os processos históricos de construção identitária negra, dentro do contexto literário.

Em um dos momentos iniciais do projeto, os alunos tiveram um encontro com a professora Cintia, que lhes perguntou se gostavam de leitura e de literatura, além de



perguntar sobre qual a relação da escola com a leitura. Todos os oito estudantes responderam gostar de ler, porém não os livros recomendados pela escola, mas sim livros escolhidos, que fosse de seu gosto pessoal. Esse é um ponto muito importante, posto que o que nos deparamos com esse grupo de bolsistas foi com adolescentes leitores, mas não conhecedores do cânone e nem tão pouco leitores de ficção de autoria negra. Diante disso, cabe dialogar com Angela Kleiman (2011, s.p.), em seu livro *Texto & Leitor, Aspectos Cognitivos da Leitura*, no qual a autora apresenta a relação que a escola estabelece com o processo de leitura com os estudantes:

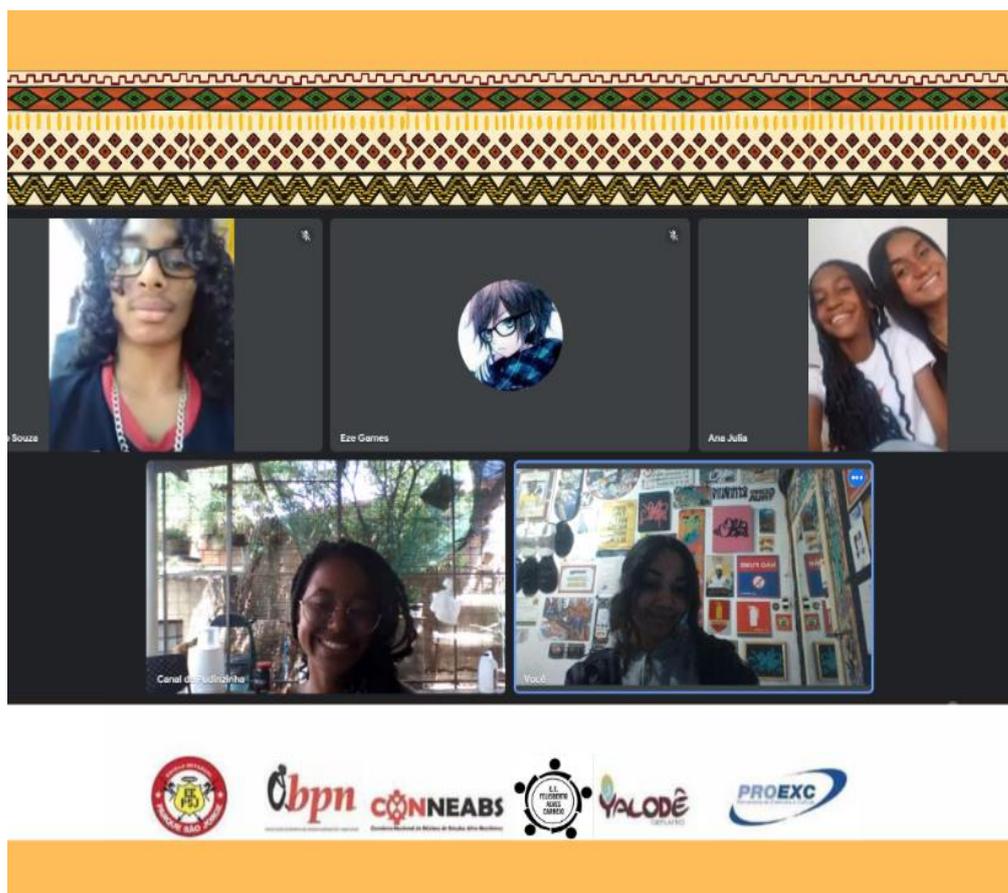
Cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes constituindo apenas um pretexto de cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de língua” (Kleiman, 2011, p.30).

Assim, a autora realiza uma crítica referente ao contexto escolar e como ele trabalha a relação de leitura com os alunos, que as diversas leituras produzidas e incentivadas pelo contexto escolar não tem fins específicos e não estabelecem objetivos que aproximam da vivência e do cotidiano do aluno, auxiliando com o afastamento do aluno com a leitura.

Assim, encontramos o paradoxo que, enquanto fora da escola o estudante é perfeitamente capaz de planejar as ações que o levarão a um objetivo pré-determinado [...], quando se trata de leitura, de interação à distância através do texto, na maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá (isto é, das estratégias de leitura) nem sequer se põe (Kleiman, 2011, p. 30)

A leitura e a discussão do texto com fins específicos e que tangenciou a vivência de cada estudante, neste primeiro processo de leitura e exposição do projeto, evidenciou não só o potencial de cada aluno em relação à leitura, mas também sua capacidade individual para associar, organizar e debater assuntos que problematizam a trajetória do corpo negro nos espaços sociais.

Figura 1: Primeiro encontro com a leitura e escrita



Fonte: @afrocientista_udia, instagram oficial do projeto 2022



CONVERSANDO COM OS MAIS VELHOS - TROCA DE EXPERIÊNCIAS

“Hoje, a escrita da mulher negra não tem essa função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.”
Conceição Evaristo, 2007, s.p..

Realizamos neste projeto rodas de conversas e interação com os estudantes e contamos com a participação de Daniele Moreira da Conceição, bolsista do Projeto Afrocientista na edição de 2019, que apresentou sua trajetória no projeto, o contato com a leitura e os impactos que influenciaram em sua vida. Em uma de suas falas, Daniele aborda as dificuldades com as leituras dos textos, porém os benefícios que trouxeram a ela a cada encontro que participava do projeto. Atualmente, é importante destacar que Daniela faz o curso de Gestão de Recursos Humanos.

O entendimento enquanto corpos que carregam potenciais se materializa nos momentos de compartilhamento de vivências e experiências da trajetória de um estudante, apropriando-se da linguagem como forma de expressar o eu, “nós fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, liberando-nos nós mesmos na linguagem”. (hooks, 2008, p. 233). Para Vianna (2010, p. 2) há formas de promover “abertura de novas portas para diferentes reflexões sobre negritude, masculinidade e, conseqüentemente, sobre feminismo e feminilidade negra, em contraposição”.

Com isso, a relação que os bolsistas tiveram com as rodas de conversas, fomentou trocas com diferentes experiências de ser jovem negro, dando especial destaque para importância do diálogo com ex-participantes do projeto, posto que se tratam de corpos que já atravessaram a mesma trajetória pela qual eles estão passando. Daniela mostrou que no início o que era dificuldade para ela, como o processo com as leituras dos textos, trouxeram benefícios, como o despertar para o gosto pela leitura.

Outro encontro contou com a participação da professora Léa Aureliano de Sousa, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia- Eseba (UFU). A professora iniciou o diálogo com pautas referente à descolonização da educação, e relatou a relação com a educação em sua família, bem como o fato de seus pais, dois corpos pretos, não terem concluído o Ensino Fundamental.

Este encontro foi marcado pela contextualização histórica dos corpos negros e a escolarização. A professora apresentou vivências familiares e os estudantes puderam partilhar suas vivências e trocas. Com isso, a roda de conversa propiciou momentos de construir um lugar confortável de trocas e afetos, com os estudantes e os demais participantes do projeto.

Figura 2: Roda de conversa



Fonte: Instagram oficial do projeto , @afrocientista_udia, 2022



**GRUPO DE ESTUDOS- YALODÊ GEPLAFRO E A DISCUSSÃO DE
OUTSIDER- AUDRE LORDE**

*“Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo,
para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre
você” Glória Anzaldúa, 2000, p.232*

Tabela 1: Cronograma dos encontros

RESPONSÁVEL	TEXTO	DATA
Profa Cintia	FALANDO EM LÍNGUAS: UMA CARTA PARA AS MULHERES ESCRITORAS DO TERCEIRO MUNDO (GLORIA ANZALDÚA)	09/09
Andressa	PREFÁCIO - APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM À RÚSSIA	04/10
Mireile	A POESIA NÃO É UM LUXO - PARA COMEÇO DE CONVERSA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS BARREIRAS ENTRE AS MULHERES E O AMOR	18/10
Alyne	USOS DO ERÓTICO: O ERÓTICO COMO PODER - CARTA ABERTA A MARY DALY	01/11
	FERIADO	15/11
Maria Gabriela	O FILHO HOMEM: REFLEXÕES DE UMA LÉSBICA NEGRA E FEMINISTA - AS FERRAMENTAS DO SENHOR NUNCA DERRUBARÃO A CASAGRANDE	29/11
Olbia	IDADE, RAÇA, CLASSE E SEXO: AS MULHERES REDEFINEM A DIFERENÇA - APRENDENDO COM OS ANOS 1960	06/12
	CONFRATERNIZAÇÃO	13/12

Fonte: site YALODÊ-GEPLAFRO,2022, s.p.

Os alunos do projeto participaram também, do Grupo de Estudos da professora Cintia, com encontros presenciais, e discutimos, em cada encontro, o texto de Gloria Anzaldúa e o livro da escritora Audre Lorde, *Outsider*. Os estudantes tiveram que ler o texto e os capítulos que seriam apresentados e realizar um resumo, participando com contribuições ao longo da discussão.

A professora Cintia iniciou o primeiro encontro com o texto da Glória Anzaldúa, “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (2000,s.p.), sobre a importância do registro de nossas próprias histórias, da escrevivência



(Evaristo, 2016,s.p.). Neste primeiro encontro, todos os oitos bolsistas estavam presentes, ainda que tímidos, conseguiram se envolver com a discussão.

A segunda discussão, realizada pela Andressa Santos, orientanda de doutorado da professora Cíntia, iniciou o livro da Audre Lorde, apresentando o prefácio, e as primeiras marcas ensaísticas da autora. Audre, no decorrer de sua escrita, evidencia e demarca o lugar que seu corpo fala: uma mulher negra, lésbica e mãe. Mesmo não tendo lido o prefácio, os estudantes realizaram comentários e questionamentos que guiaram a discussão. No terceiro encontro, guiado também pela orientanda de mestrado da professora Cíntia, a Meirele, os estudantes já haviam lido o texto e realizado o resumo, porém, não participaram ativamente da discussão. O texto foi guiado com comentários da professora Cíntia.

A cada encontro, fomos construindo em conjunto a relação do processo de leitura e produção, e debatendo assuntos da relação do corpo negro nos espaços sociais, e principalmente no âmbito escolar, assuntos que muitos deles traziam nas suas falas.

No último encontro contamos com a participação de seis bolsistas, a bolsista da graduação e a orientadora de mestrado da professora Cíntia. Iniciamos abordando o questionamento da Audre Lorde, que havia sido convidada a participar de uma Conferência sobre raça, gênero e sexualidade, e era a única mulher, negra e lésbica a compor a mesa.

O questionamento inicial da autora levantou discussões entre eles a respeito de ser, muitas vezes, os únicos, corpos negros, em espaços tidos privilegiados, e a diferença de se sentirem seguros a falar quando estávamos em ambientes aquilombados, ou seja, ambientes compostos por semelhantes. Assim, compreender a necessidade de estar entre os pares, é construir espaços seguros, de fortalecimento contra um poder hegemônico.

"Sem comunidade não há libertação, apenas o armistício mais vulnerável e temporário entre uma mulher e sua opressão"
(Estudante da educação básica, Projeto Afrocientista 2022.)

Figura 3: Encontro YALODÊ-GEPLAFRO



Fonte: Instagram oficial do projeto @afrocientista_udia, 2022



Figura 4: Roda de conversa



DESCOLONIZANDO A EDUCAÇÃO

O PAPEL DO NEGRO E DA NEGRA NA
SOCIEDADE MODERNA



Fonte: Instagram oficial do projeto, @afrocientista_udia, 2022



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.” (Beatriz Nascimento, 1985,s.p.)

O processo de construção coletiva com os alunos da educação básica e os demais componentes do projeto dialoga com as expectativas constituídas, uma vez que a construção epistemológica, em conjunto, vai ao encontro do conceito que Beatriz Nascimento, que foi uma professora, historiadora e ativista dos movimentos negros, vai chamar de “*aquilombamento*” (1989,s.p.), no documentário “*Ori*” (1989,s.p.), com a ideia de compreender o quilombo em uma dimensão ideológica, de agregação e resistência aquilombar os espaços, constituindo assim, um lugar seguro para corpos racializados.

Foi esse o caminho que o Projeto Afrocientista percorreu, de dialogar com novas expectativas tanto para os estudantes, quanto para as pessoas que compuseram este projeto.

“Se ‘cada cabeça é um quilombo’, como anuncia Nascimento (1989), aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra hegemônica a partir de um corpo político” (De Souza Souto, 2020,s.p.)

O contato com escritores negros, que tivemos ao longo das atividades, auxiliaram na construção imagética que temos das identidades negras, da constituição de nossas autoestimas, de como nossos corpos tem possibilidades de perpassar múltiplos espaços. Assim, em conjunto com os alunos, foi possível expandir as possibilidades de se fazer ciência, a partir de um corpo negro, incentivando nossas *epistemologias*, com trocas positiva, tanto para a formação de nós, bolsistas da graduação, futuros professores, quanto para os alunos que compuseram e compuseram o Projeto Afrocientista, da edição de 2022.

Esta edição é marcada por um momento de transição na vida de todos, uma vez que retornamos às atividades presenciais, após um período pandêmico. Assim, tantos os alunos da educação básica, os professores parceiros quanto o coletivo Yalodê-Geplafro, voltaram a estabelecer as relações presenciais, em conjunto com o andamento do projeto. De certa forma, isso também foi visto como um desafio para todos que compuseram esta edição.

Apesar do contexto histórico vivenciado por todos nós, o Projeto Afrocientista de 2022 impactou a vida de cada membro desta edição de maneira singular, articulando



pensamentos que influenciam na construção da auto estima e a subjetividade negra de cada participante, e de maneira coletiva, construindo, em conjunto, ideais a respeito das nossas ancestralidades, das nossas ciências, e construções das múltiplas identidades que permeiam nossos corpos no mundo.

Asè.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade e educação: um legado epistêmico para as pesquisas educacionais. In: LIMA, Cledson Severino de *et al.* Afrocentricidade e educação: um legado epistêmico para as pesquisas educacionais. Revista Semana Pedagógica, v. 1, n. 1, 2018, p. 40-42: Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistasemanapedagogica/article/view/236621>> Acessado em: 15 de março de 2023.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*. 2000 ISSN 1806-9584. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>> Acessado em: 14 de março de 2023.

_____. *Lei nº 10.639/2003*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acessado em: 20 de novembro de 2022.

DE SOUZA SOUTO, Stéfane Silva. "Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea." *Metamorfose*, 4,4, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21

FILHO, Domício Proença. A Trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x>> Acesso em: 14 de março de 2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, jan/abr 2012, p. 98-109.

HOOKS, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Revista Estudos Feministas*. *New York*, 2008. ISSN 1806-9584. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300007>> Acesso em: 14 de março de 2023.

KLEIMAN, Ângela. *O conhecimento prévio da leitura*. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas (SP). 2008. p. 13-27.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Revista Afrodíaspóra*, p. 41-49, 1985

NASCIMENTO, Beatriz, and R. GERBER. "Documentário Ori." Direção: Raquel Gerber. São Paulo (1989). Disponível em <<https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori>> Acessado em 14 de março de 2023.

SEVERO, Renata *O corpo como lugar do sentido: uma análise semiológica inspirada em Audre Lorde*. Letras Magna. 2º semestre- 2020

Vianna, C. C. (2019). APRESENTAÇÃO. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 11(30), 1–3. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/814>

Recebido em: 03/01/2023

Aprovado em: 15/03/2023